



# I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DAS ÁGUAS

## **“Gosto muito de ser criança, nunca quero é crescer”: vozes de crianças quilombolas na Amazônia paraense <sup>1</sup>**

*Naire Gomes de Sousa*<sup>2</sup> (PPGED/UEPA – sousanaire@gmail.com)

*Eliana Campos Pojo Toutonge*<sup>3</sup> (UFPA – elianapojo@ufpa.br )

*Lucirlândia Oliveira Santos Tembê*<sup>4</sup> (UFPA – lucirlandia.carmo@gmail.com)

### **Introdução**

O presente estudo, pretende trazer à tona as vozes, as brincadeiras, o cotidiano, os saberes, a imaginação, o trânsito de dois grupos de crianças em territórios quilombolas no estado do Pará. Um deles chamado Quilombo do Itamoari e o outro de Quilombo do Bairro Alto. Assim, procurando evidenciar o seu protagonismo enquanto crianças quilombolas, buscamos unir as nossas vozes de adultas e de pesquisadoras das infâncias a outras tantas vozes que, em suas pesquisas, estudos, dedicam-se a trazer as narrativas das crianças, as experiências, os saberes, os fazeres, evidenciando-as como sujeitos aprendizes em socialização no mundo amazônico paraense.

### **Caminhos Metodológicos**

Em termos metodológicos, realizamos um estudo de base etnográfica, o que favoreceu um contato mais próximo com as crianças que fizeram parte da pesquisa de campo (Conh, 2005). Desse modo, a partir da observação participante realizamos registros fotográficos dos fazeres cotidianos delas; rodas de conversa (para a escuta das crianças e de duas das autoras deste texto que também são quilombolas) e registros em um diário de campo. Participaram da pesquisa 23 crianças entre cinco e onze anos de idade, sendo 08 meninos e 15 meninas. No que diz respeito a escuta das duas autoras quilombolas, estas trouxeram para a pesquisa as memórias de suas infâncias, por meio das lembranças das brincadeiras e de sua construção social acerca do que seja ser criança nesses territórios. Esse encaminhamento da pesquisa nos permitiu realizar um exercício

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Eixo Temático Infâncias: fronteiras étnicas, territoriais e de saberes, I Seminário Internacional e II Seminário Nacional Sobre Pesquisas com Crianças e Suas Infâncias em Territórios das Águas. Vale dizer que esta produção, em discussão ampliada, foi publicada na revista Educação em Revista, sob o título “Crianças e infâncias em territórios quilombolas na Amazônia paraense”, pelas autoras.

<sup>2</sup> Servidora pública nas redes Estadual e Municipal de ensino. Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia pela Universidade Federal do Pará, UFPA. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, pela Universidade do Estado do Pará/UEPA.

<sup>3</sup> Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP); Professora da Faculdade de Educação e Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba; Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Extensão De Bubuia Amazônica.

<sup>4</sup> Estudante de Graduação, curso de Pedagogia, UFPA, Campus de Bragança. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infâncias, Educação e Cultura na Amazônia Paraense (NEPIECAP).



## I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DAS ÁGUAS

importante de desconstrução do adultocentrismo ainda tão presente nas pesquisas sobre/com as crianças, pois esse tipo de abordagem que tem o adulto como o centro corrobora para um fazer investigativo distorcido, sem o devido respeito às crianças como atuantes. Em síntese, ainda encontramos muitos processos investigativos na contramão das questões éticas e metodológicas apropriadas à pesquisa com crianças como sujeitos atuantes (Cohn, 2020; Kramer, 2002). As crianças foram consideradas como “crianças atuantes” (Conh, 2005) e a partir desse viés assumiram, no estudo, a identidade de coautoras. Logo, o estudo se refere à uma infância singular, às meninas, aos meninos, às crianças que habitam as terras, convivem com as matas, as águas, os quintais dos quilombos do Itamoari e do Bairro Alto. Territórios que se constituíram como lócus, cenário da pesquisa de campo, da trama que nos envolveu e na qual assumimos a responsabilidade de garantir às crianças o direito de dizer a sua palavra, a partir do seu ponto de vista. Isso posto, as informações coletadas foram analisadas a partir da Antropologia, Antropologia da criança e de outros estudos que se ocupam de uma multiplicidade de infâncias e das crianças em diferentes contextos (Brandão, 2015; Gusmão, 2012; Cohn, 2020; Kramer, 2002; Brougère, 2010 etc.). Também destacamos algumas formulações importantes para o estudo, tais como: Crianças; Infâncias; Territórios Quilombolas.

### **Ser criança e viver a infância nos Quilombos do Itamoari e do Bairro Alto**

A fim de compreendermos o ser criança e viver a infância em território quilombola, partimos, inicialmente, de dois aspectos que nos pareciam essenciais, no momento da imersão no campo. O primeiro, diz respeito à escuta atenta, respeitosa e afetuosa das e com as crianças. O segundo, atrelado ao primeiro, trata da necessidade de desconstruirmos o olhar adultocêntrico, e passarmos a valorizar as narrativas das crianças com suas artes crianceiras e seu cotidiano nos referidos quilombos. Um exercício na/da pesquisa, de educar o olhar, o ouvir e o escrever, a fim de que nossas visões de mundo não colocassem em segundo plano as vozes e os olhares das crianças (Oliveira, 1996). Em virtude disso, as crianças nos apresentaram a partir das suas narrativas um lugar-quilombo com fartas possibilidades de viverem intensamente uma infância ligada à natureza e de se constituírem nessa relação como sujeitos-crianças-quilombolas, sobretudo, a partir das brincadeiras que tomam conta dos seus fazeres naquele cotidiano. Bem como, nos apresentaram seus apelos para que a infância seja, de algum modo,



## I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DAS ÁGUAS

eternizada, como em um dos dizeres da princesa Elza (9 anos): - [...] *gosto muito de ser criança, nunca quero é crescer*. Dentro desse contexto, as crianças que vivem no quilombo do Itamoari, por exemplo, têm a possibilidade de subir em árvores, tomar banho de rio, brincar de bola, empinar pipa em fartos campos verdes ou simplesmente fazer destes gigantes tapetes verdes. Algumas deitam-se, fecham os olhos, outras correm atrás de uma pequena bola, outras ainda andam pelos estreitos caminhos, pelos arredores das casas, com as bicicletas dos adultos, o que lhes exige força e certas habilidades para manobrar este “brinquedo”. Desfrutam de um cotidiano repleto de miudezas, peraltices, invenções no vasto quintal desse espaço amazônico, normalmente, na companhia de amigos, dos irmãos, das irmãs, das primas, dos primos e, sozinhos, em algumas ocasiões. Brincam e brigam, conversam e riem, organizam-se e disputam, afinal de contas, a brincadeira vivida pelas crianças aqui não é um tempo-espaço-experiência romântico concebido a partir da ideia de uma relação “perfeição/ingenuidade”. Novamente, o dizer da princesa Elza (9 anos), nos aproxima dessa questão: - *Eu gostaria de ser chamada de princesa Elza porque sou muito irritada e a Sofia fica me enjoando, eu fico brava com ela*. As crianças que fizeram parte do estudo revelam uma infância na qual experimentam uma liberdade para sentir, movimentar-se no lugar, brincar e se relacionar com o ambiente natural desfrutando dos espaços do quintal, dos caminhos, dos rios; de momentos vividos em parceria com outras crianças e dialogada, por vezes, com adultos. Aqui, nos colocamos na responsabilidade com as crianças, com as suas falas, com os seus olhares sobre o mundo e do lugar onde habitam, com suas formas de viverem nesses territórios quilombolas. Cabe esclarecer que ao longo do estudo e, partindo do ponto de vista e das experiências das crianças, a ideia de quilombo que esteve presente na pesquisa distanciou-se do lugar historicamente atravessado por questões étnico-raciais vividas na Amazônia e que tem feito parte do universo das pesquisas realizadas com adultos e por adultos, tais como: as formações dos quilombos na região da Amazônia paraense; a organização dos quilombos; a luta e a resistência dos povos que habitam a região. O que não significa dizer que essas questões não sejam importantes para compreender os processos identitários e seus contornos socioculturais dos territórios, além de sua diversidade histórica e política. No entanto, na busca de dar visibilidade ao olhar das crianças, nos detivemos aos seus atalhos e seus silêncios, seus modos de dizer e os caminhos de um quilombo que é também território ocupado e (re)construído pela percepção infantil. Na



## I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DAS ÁGUAS

vozes das crianças: *Gosto de brincar no quintal, aqui no campo, na escola, no rio, já sei subir no açaizeiro* (Homem Aranha, 6 anos).

### **As crianças e as brincadeiras presentes nas comunidades quilombolas**

Com base na percepção das crianças, ampliamos a nossa noção de quilombo, o que nos permitiu conhecer um quilombo brincante, que é casa de muitos e/ou de poucos; que é casa de vó, mas também de irmão; que é casa de morar junto ou de morar separado; quilombo que é rio, que é árvore, que têm muitos campos de jogar bola; quilombo de quintais cheios de frutas, quilombo dos açaizeiros. Quilombo que é lugar de brincar com os/as amigos/as de casinha, de carrinho, de boneca, de panelinhas de barro, de bolinhas de gude ou de tucumã; de empinar pipa; de pira-esconde, de mãe-pira-ajuda; quilombo que é lugar de ser criança que não quer crescer. Esse lugar construído pelo olhar infantil, nos levou a inquirir: do que as crianças mais gostavam de brincar? Com quem compartilham os brincares? Quais os locais preferidos para brincarem? Quais os brinquedos fazem parte desse universo? No recorte que apresentaremos a seguir, participam com nomes fictícios as seguintes crianças: Homem Aranha (6 anos); Homem de Ferro (6 anos); Flecha (7 anos); Capitão América (10 anos); Rock (5 anos) e Kailane (6 anos), que decidiu não usar nome fictício. Assim, respondendo ao nosso interesse em conhecer suas brincadeiras no quilombo do Itamoari, elas nos disseram: Homem Aranha – *Eu brinco de tudo, um monte de brincadeira bacana*; Homem de Ferro – *Eu brinco de bola, de pipa, de pata cega, de pira se esconde, corrida de saco, corrida do ovo e robô*; Flecha – *Brinco de muita coisa de brinquedo, eu brinco de bola, eu brinco de brinquedo e de robô* e Kailane – *Vixe nem sei falar, eu brinco muito, de tudo*. Levando em conta tais narrativas, foi possível perceber que as crianças vivenciam um brincar livre, e nesse sentido falam de um cotidiano marcado pelas brincadeiras com bola, pipa, pequenos bonecos (robô), situam algumas variantes da pira e de brincadeiras que elas participam durante os jogos quilombolas praticados nas comunidades como, por exemplo, a corrida do ovo e a do saco. Outras crianças, como Kailane, nem conseguem definir do que brincam, pois, de certa forma compreendem que o brincar atravessa sua existência como crianças quilombolas em um cotidiano repleto de brincadeiras: *Vixe nem sei falar, eu brinco muito, de tudo* (Kailane, 6 anos). No quilombo do Itamoari, notamos que muitas dessas crianças ainda constroem seus próprios brinquedos tais como pipas, carrinhos de madeira e panelinhas de barro, este último mais presente no universo das brincadeiras das



## I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DAS ÁGUAS

meninas. As crianças mostram habilidades no uso de pequenas facas, talas retiradas do bambu e sacolas plásticas, materiais que costumam utilizar para confecção de pequenas pipas. Alguns brinquedos, como as panelinhas feitas com o barro, carregam consigo ensinamentos ancestrais e que são passados de geração a geração. Em relação a esses fazeres das crianças, percebemos que algumas práticas como armar arapucas para pegar passarinhos, o uso e confecção das baladeiras, subir nos açazeiros e mangueiras, ajudar a família em pequenas tarefas diárias, como a limpeza dos quintais, são atividades que se relacionam, se conectam ao brincar. Ao serem questionadas sobre o que mais gostam de brincar no quilombo Itamoari, as crianças responderam: Homem Aranha – *Gosto de brincar, comer caju, apanhar açaí, outras brincadeiras bacanas*. Homem Aranha – *Gosto de brincar no quintal, aqui no campo, na escola, no rio. Já sei subir no açazeiro, tiro um cacho grande e dou para o Batman*; Capitão América – *Brinco de muitas brincadeiras: de balar passarinho, bola, de correr, pira-esconde, pata-cega, queimada, pula de saco, de taco, tem muitas*; Homem de Ferro – *É brincar de um monte de coisa, brincadeira pra mim é toda essa é brincadeira*. Esses fazeres e saberes são construídos e experienciados pelas crianças na companhia de primos e primas, irmãs e irmãos, ou seja, esse grupo específico de crianças é composto, em sua maioria, por membros de uma mesma família. Também é comum que as crianças brinquem e se organizem sem o binarismo (meninas/meninos) e sem disputas entre elas. No quilombo de Bairro Alto, por exemplo, as experiências vividas e compartilhadas pelas crianças no campo de futebol, também dizem muito da cultura da infância quilombola nessa comunidade. O episódio vivido pelo grupo e que trouxemos para compor o texto, foi registrado durante as observações em campo, mais especificamente, durante os brincares no espaço do campo de futebol: vimos que, enquanto os adultos se preparavam para iniciar a partida, meninas e meninos, ocupavam um lado apenas do campo e brincavam de fazer gol. Nesse contexto, tanto a criança escolhida para ficar no gol, quanto as artilheiras brincavam à vontade sem regras específicas ou disputas, prática que demonstra a interrelação entre elas, mostrando-se solidárias umas com as outras. O goleiro, por exemplo, entre um lançamento e outro da bola, costumava cair subitamente, para que outras crianças pudessem fazer o tão esperado gol, pois o mais importante era brincar de bola, brincar de brincar, é brincar mesmo, como afirma Kailane (6 anos). Outra questão que procuramos saber junto às crianças diz respeito às brincadeiras que elas aprenderam com seus familiares ou com



## I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DAS ÁGUAS

outras pessoas adultas no quilombo. Nossa intenção, nesse caso, foi a de compreender um pouco mais sobre as relações entre crianças e adultos, e ainda, como essas relações se dão quando o assunto é brincar ou interagir. Homem Aranha – *Lembro de meu avô ensinar chutar bola, andar de bicicleta, fazer arapuca, baladeira, fazer avião de papel*; Homem de Ferro – *Aprendi com os meus primos grandes, bola, taco, pira se esconde, que gente se esconde para o colega ir procurar*; Rock – *Já me ensinaram brincar com a bola. Quando eu era bebê eu jogava e me davam bola, ensinava jogar bola, de pata cega, pira se esconde, da melancia, de boneco*. Como vimos, com base nas narrativas, as relações ocorrem entre crianças e pessoas adultas que se ocupam com o brincar, seja apreciando, seja orientando as crianças ou, simplesmente, compartilhando com elas suas memórias da infância, seus saberes, as brincadeiras de outrora. Para Brougère (2010), a brincadeira é, antes de qualquer coisa, um momento singular no qual as crianças se deparam e se relacionam com elementos culturais, ou seja, com elementos da cultura na qual estão inseridas. Assim, de posse desse universo de possibilidades, de um brincar impregnado de cultura, as crianças se apropriam dos saberes culturais, de acordo com seus interesses, pelo prazer que as brincadeiras lhe proporcionam e, em uma dinâmica particular, as crianças se relacionam com a cultura, (re)produzem e transformam, por meio de apropriação e significação próprias do olhar infantil.

### **Notas conclusivas**

Destarte, em ambas as comunidades, podemos dizer que existe uma participação concreta das crianças em um cotidiano repleto de aprendizados, de experimentações, de trocas que se entremeiam na cultura quilombola. São partilhas de saberes e convívios a partir dessa cultura. Isso se refletiu nas experiências e saberes como a de fazer uma baladeira, de apanhar açaí, de fazer uma arapuca, de escolher os melhores caroços de tucumã para fazer bolinhas de gude, de fazer panelinhas de barro ou ainda varrer os quintais, atividade que muitas vezes reúne boa parte das famílias e as crianças estão ávidas nesse meio e cotidiano. Assim, os espaços naturais e sociais como o rio ou o quintal combinam com as crianças e neles, quase tudo pode se tornar brinquedo ou uma brincadeira. Galhos, folhas, flores, cascas de frutas, árvores, lama, bola, pedras, pedaços de pau, cachos do açaizeiro, talas, caroços, poças d'água e tantos outros, como se nada pudesse parar a potência criativa de uma criança. No dia a dia das comunidades, por entre as matas e os diversos caminhos dentro da mata, servem de abrigo às ideias, peraltices e



## I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DAS ÁGUAS

produções lúdicas. O quintal e o ramal, o rio ou o caminho, são palcos do brincar-aprender com a natureza do lugar, onde os mundos infantis são experienciados. Logo, tais espaços se configuram canais representativos do mundo amazônico na ilhargia das residências e de fácil acesso. Durante nosso tempo em campo, foi possível observar que se dedica tempo interagindo com os familiares, a vizinhança, as crianças de um mesmo entorno, talvez por conta desse modo de vida mais comunitário e de vida mais ligada à natureza. Como síntese, ousamos dizer que o brincar humaniza, na medida em que a criança estabelece contato com o mundo físico e social, na medida em que as crianças experimentam diferentes papéis, pensam sobre o mundo, sentem e aprendem das gramáticas sociais da vida (Brandão, 2015). Elas, ao brincarem, criam mecanismos para agir diante da realidade, elas se colocam em movência da alteridade e, com ela, a compreensão do que cada um tem a dizer sobre si mesmo – criança e adultos, e, também, do mundo no qual estão e vivem, de modo textualizado e historicamente construído.

### REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Olhar o mundo e ver a criança: ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculos de cultura. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 1, n. 1, p. p. 108–132, jan./jun., 2015. Disponível em <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/27>. Acesso em: 26 abr. 2024.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Olhar viajante: Antropologia, criança e aprendizagem. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 23, n. 2, p. 161–178, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642893>. Acesso em: 1 ago. 2024.

KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41–59, 2002. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/556>. Acesso em: 1 ago. 2024.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo. **Revista de antropologia**. São Paulo: USP, v. 39 n. 1. p. 13-37, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br>. Acesso em: 29 jan. 2022.